



SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

LOCAL KNOWLEDGE AS CURRICULUM CONTRIBUTION IN RIPARIAN SCHOOLS

Domingas Luciene Feitosa Sousa ¹

Lucileyde Feitosa Sousa ²

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a compreensão dos saberes locais, suas funcionalidades materializadas por meio do vivido no espaço ribeirinho e como aporte do currículo em escolas ribeirinhas do município de Porto Velho/Rondônia. Apresenta-se experiências do cotidiano amazônico e como os saberes locais contribuem para a leitura dos espaços de sobrevivência, resistência e de significados simbólicos. O referencial teórico contou com a contribuição de autores que compartilham questões relacionadas aos saberes locais, currículo e representações ligadas ao espaço ribeirinho. A metodologia consistiu em observações, entrevistas, registros de trabalhos de campo das autoras na Amazônia ribeirinha. Quanto aos resultados, a análise possibilitou compreender que os saberes locais são essenciais para o fortalecimento da identidade cultural, da organização da vida e, a partir deles, a escola poderá utilizar em seu currículo todo esse repertório de saberes para lidar com as questões de exclusões, conflitos e invisibilidades sociais. Desse modo, a escola deve se apropriar desses saberes, ampliando o fortalecimento da luta, do pertencimento e do empoderamento das comunidades para o efetivo exercício da cidadania. Portanto, os saberes locais são conhecimentos que evidenciam a organização do espaço ribeirinho e que podem ser um aporte do currículo em escolas ribeirinhas de Porto Velho.

Palavras-chave: Amazônia ribeirinha; Saberes locais; Cultura amazônica. Currículo.

Summary

The objective of this article is to reflect on the understanding of local knowledge, its functionalities materialized through the experience in the riverside space and as a contribution to the curriculum in riverside schools in the municipality of Porto Velho/Rondônia. Experiences of daily life in the Amazon are presented and how local

¹ Doutoranda em Educação pela PUC-SP, membro da linha de pesquisa Currículo, Conhecimento, Cultura, Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia/UNIR, Pedagoga, Teóloga, E-mail: domingas.uab@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1590-9140>. <http://lattes.cnpq.br/8574963350162933>

² Professora, Pós-Doutora em Geografia (Universidade do Minho/Portugal), Doutora em Geografia/UFPR, Colunista da Rádio CBN Amazônia/Porto Velho e Portal Amazônia. E-mail: lucileydefeitosa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2627-0925>. <http://lattes.cnpq.br/2758178065844779>

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

knowledge contributes to the reading of spaces of survival, resistance and symbolic meanings. The theoretical framework had the contribution of authors who share issues related to local knowledge, curriculum and representations linked to the riverside space. The methodology consisted of observations, interviews, records of fieldwork by the authors in the riverside Amazon. As for the results, the analysis made it possible to understand that local knowledge is essential for the strengthening of cultural identity, the organization of life and, based on them, the school will be able to use all this repertoire of knowledge in its curriculum to deal with issues of exclusion, conflicts and social invincibilities. In this way, the school must appropriate this knowledge, expanding the strengthening of the struggle, belonging and empowerment of communities for the effective exercise of citizenship. Therefore, local knowledge is knowledge that evidences the organization of the riverside space and that can be a contribution to the curriculum in riverside schools in Porto Velho.

Keywords: Riverside Amazon; Local knowledge; Amazonian culture. Syllabus.

Introdução

Busca-se trabalhar neste artigo algumas proposições teóricas para melhor definição dos saberes locais que fazem parte do espaço geográfico de comunidades ribeirinhas pertencentes ao município de Porto Velho, no estado de Rondônia. Nessa perspectiva, entende-se o papel dessas comunidades ribeirinhas na produção de um espaço rico em narrativas orais, imaginários, experiências espaciais e conteúdos que evidenciam estratégias de sobrevivência, lutas sociais e relação no convívio com a natureza.

O espaço ribeirinho tem sido palco de muitos desafios, conflitos, transformações e resistências. A oralidade é um dos traços marcantes dessa cultura amazônica, ajudando no entendimento das subjetividades humanas, experiências, sendo fonte de um repertório que precisa ser muito mais conhecido e interpretado. Há uma geografia das narrativas que possibilita o encontro com a cultura ribeirinha, no sentido de conhecer lugares, experiências significativas, anseios e de modo especial como é viver nessa região amazônica.

Os conteúdos das narrativas expressam estranhamentos, descobertas, experimentos, peripécias de animais, ilhas imaginárias, assombrações, emoções de um viver nessa relação com o rio e a mata. Desse modo, a convivência com o imaginário é um traço forte da cultura amazônica. Quanta riqueza cultural há na

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Amazônia, modos de dizer, de contar, ouvir e os ribeirinhos contam com emoções, simplicidade, tons, ritmos e efeitos especiais suas experiências com o espaço geográfico.

O trabalho de contar uma história, seja a respeito da vida, do trabalho, de uma relação amorosa ou de alguma viagem, evidencia dimensões estéticas, simbólicas, visões de mundo e de sobrevivência na Amazônia. Partindo dessa caracterização inicial, o texto divide-se em quatro partes aqui explicitadas. A primeira parte decorre das contribuições de autores para o entendimento dos saberes locais. A segunda parte estrutura-se a partir dos saberes locais e representações na cultura ribeirinha. A terceira parte é composta por esta reflexão da importância desses saberes locais na organização na organização curricular de escolas ribeirinhas. A quarta parte é dedicada aos saberes locais ligados ao rio e a mata, no sentido do empoderamento das comunidades ribeirinhas para lidar com as transformações sociais nesse espaço.

E para concluir, a importância dos saberes locais na inclusão dos currículos praticados nas escolas ribeirinhas, de modo a divulgar esse repertório de saberes que interessa ao mundo e sociedade amazônica.

A análise proposta pauta-se na compreensão desses saberes locais, suas funcionalidades e materializadas por meio das práticas e experiências na relação das pessoas com a natureza e o vivido nas comunidades ribeirinhas.

Para realizar esta análise, trouxemos a contribuição de autores que compartilham questões importantes relacionadas à dimensão humana e organização curricular, especialmente na Antropologia com Geertz (2014), Fraxe (2004) e Loureiro (1995) e na geografia com Claval (2007), Kozel (2018), Tuan (2005), Sousa (2014; 2018), Oliveira e Alves (2001).

A pesquisa é fruto de pesquisas e vivências das autoras na Amazônia, além de terem realizado entrevistas gravadas e observações no espaço ribeirinho de Porto Velho, no estado de Rondônia. Selecionou-se três dimensões que fazem parte do viver ribeirinho: o olhar observador, a oralidade e a escuta, as quais ajudam a entender os sentidos dos saberes locais e como são utilizados na leitura e vivência no espaço ribeirinho.

A metodologia adotada deu-se da seguinte forma: a) leitura e fichamento de obras para fundamentação teórica, propiciando diálogos nas interfaces da

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Antropologia com a Geografia; b) observações do espaço ribeirinho; c) entrevistas gravadas com ribeirinhos e barqueiros do rio Madeira nas comunidades de São Carlos e Calama, localizadas no Baixo Madeira; d) realização de viagens nos barcos recreios para observação do cotidiano da vivência ribeirinha.

A busca pelo entendimento da dimensão humana no espaço ribeirinho requer a compreensão do vínculo entre os sujeitos de uma pesquisa, a confiança, a valorização da cultura ribeirinha e a ação da escuta desprendida de juízos de valor, de modo que o entrevistado se sinta à vontade para expressar-se livremente. Ou seja, significa compreender o outro no seu espaço de vida, de trabalho e de interações afetivas e sociais.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

1. Contribuições de autores para o entendimento dos saberes locais

A Amazônia ribeirinha é feita de lutas, saberes, resistências, memórias individuais e coletivas e os dialógicos nesse espaço geográfico evidenciam experiências, sentidos de pertencimento das pessoas aos lugares e vozes pouco ouvidas de modo geral pela sociedade. A dimensão da escuta por parte do pesquisador desvenda particularidades ligadas aos saberes locais, significados na transmissão cultural. Mas que saberes estão mais presentes no mundo vivido das pessoas? Que experiências comuns costumam vivenciar ao longo do rio Madeira e seus afluentes? Tais questões nos remetem ao mundo vivido das pessoas. De acordo com Sousa (2014, p. 44) “o conceito de mundo vivido não remete ao universo dos fatos, mas o homem, na condição de ser, constrói o seu mundo e dá existência a ele”. E essa significação interessa a nós, no sentido de envolver dimensões da observação, escuta, reflexão e diálogo com outro no que dá significação a essa existência.

Nessa convivência das pessoas com os rios e matas vão sendo construídas percepções sobre os lugares, nessa espécie de cartografia dos lugares, o que favorece essa compreensão espacial, como as formas de organização de uma comunidade ribeirinha. E essas experiências são comunidades ao longo de uma viagem de barco ou mesmo na vivência da comunidade.

Quando se tem a oportunidade de viajar em uma embarcação recreio, construída em sua maioria de madeira e destinada ao transporte de passageiros e cargas, pode-se exercitar o valor do olhar, da observação e da escuta, sendo um momento de interações e partilhas entre os passageiros. Há em comum, com o ribeirinho e o visitante, a riqueza dessa interlocução e a prática de olhar um espaço em mudanças, seja pelo curso do rio, pela atividade garimpeira ou ciclos das cheias e vazantes.

Para Clifford Geertz (2014, p.169) “Assim como a navegação, a jardinagem e a poesia, o direito e a etnografia também são artefatos locais: funcionam à luz do saber local”. Desse modo, a produção do conhecimento se fortalece nos diálogos dos ribeirinhos, havendo uma gama de significados desse fazer científico e das vozes de moradores.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Situando Loureiro (1995) nesse diálogo, a cultura amazônica, de origem rural ribeirinha, expressa manifestações decorrentes de um imaginário, de profundas relações com a natureza, consolidando poeticamente o imaginário dos indivíduos que estão dispersos as margens dos rios amazônicos. O sujeito acaba sendo percebido nessa relação com a natureza, com o imaginário e a poética de acordo com Sousa (2014) opera os atos de liberdade e de devaneios conscientes nessa atitude contemplativa da paisagem, pois o homem ao relacionar-se com o espaço e o lugar se constitui, interage com a natureza e o outro.

A despeito disso, Claval (2007) considera a cultura como indispensável ao indivíduo no seu plano material porque por meio dela permite sua inserção no tecido social, dando-lhe significação a existência humana e a dos seres que o circundam.

Outro trabalho importante é de Tuan (2005) que adota o enfoque humanista ao atribuir o sentido ao lugar, tanto como topofilia quanto topofobia, mostrando as paisagens do medo e o sentido que as pessoas atribuem aos lugares com ênfase à percepção humana.

Para Kozel (2018), a obra de Yi-Fu Tuan abre as possibilidades de restabelecer o contato entre o mundo e as significações, evidencia conceitos de espaço, experiência do homem com os lugares, agregando à geografia novas possibilidades de interpretação espacial.

Nessa interface de autores, toma-se como ponto de partida a dimensão da experiência humana, o entendimento dos saberes locais, o elo que liga as pessoas aos lugares evidenciando suas lutas, resistências e inquietações nessa vivência espacial.

Os saberes locais traduzem a organização de um espaço que se conecta, interage com outras comunidades ribeirinhas, chegando a uma escala regional, a qual propicia inter-relações dotadas de significação, aprendizados e manifestações de um viver ribeirinho. Nota-se, como as experiências acumuladas e partilhadas fazem parte do espaço, sendo ressignificadas ao longo de vivências, descobertas no convívio das pessoas com a natureza, sobretudo na relação social.

2. Saberes locais e representações do espaço na cultura ribeirinha

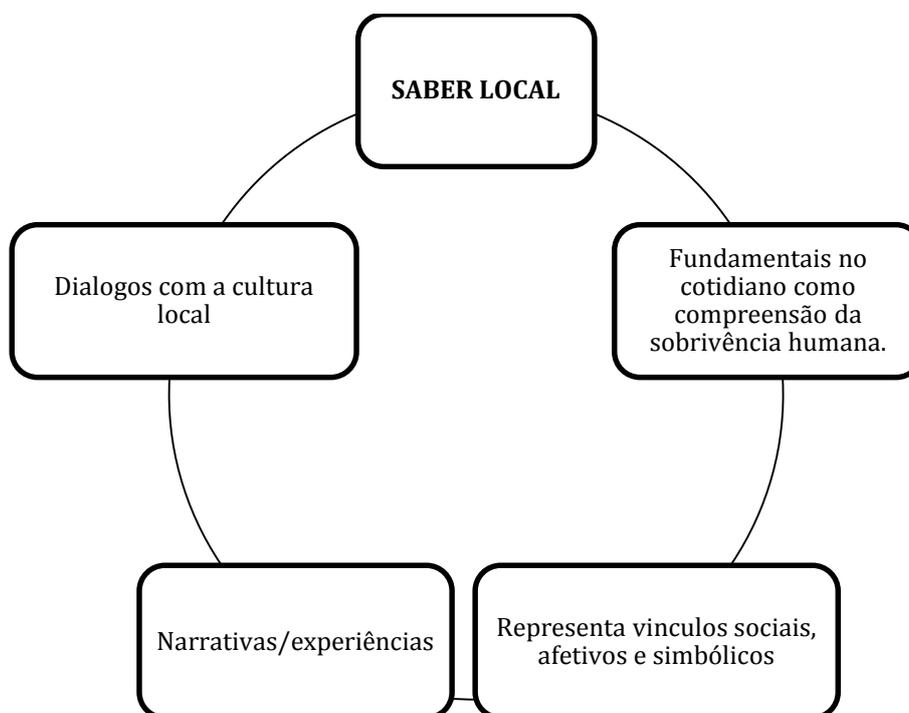
SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

O espaço ribeirinho contempla diversas representações culturais e a experiência é comunicada, interpretada e socializada em cada comunidade. A riqueza da cultura amazônica evidencia particularidades, cosmovisão do mundo e as narrativas produzidas mostram os caminhos pelos quais percorrem moradores, passageiros, entre outros.

Os sujeitos-narradores situam-se no tempo e espaço, testemunham mudanças nos lugares, compartilham as emoções da natureza exuberante, mitos, encantarias, feitiçarias, estranhamentos e estetizações. Estudar a dimensão dos saberes no espaço ribeirinho significa compreender essa lógica das representações, procurando identificar os traços comuns que fazem parte da memória coletiva do grupo.

A compreensão dos saberes locais acaba sendo acompanhada pelo entendimento dos sentidos atribuídos pelas pessoas ao espaço. Para Leff (2001, p.196) “[..] o saber é fonte de certezas e identificações. O sujeito se afirma pelo que acha que sabe”. A partir dessas considerações, estabelece na figura abaixo uma representação do saber local e/ou saberes locais no espaço ribeirinho:

Figura 1: Saber Local



Fonte: organizado pelas autoras, 2022.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Estudar as comunidades ribeirinhas requer tempo, investimento e disponibilidade para perceber a forma de organização, significado das relações sociais, práticas sociais, pois as particularidades de cada uma dessas comunidades expressa muito do repertório dos saberes locais. É importante o vínculo do pesquisador com a comunidade, pois permite perceber melhor o espaço, nesse diálogo concreto, aberto e respeitador, constituindo um encontro valoroso entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador. E, nesse contexto, compreendemos a importância dos saberes locais na organização curricular de uma escola ribeirinha porque retratam visões de mundo de determinados grupos sociais.

3- Saberes locais na organização curricular.

Os saberes locais se referem ao espaço amazônico ribeirinho e devem ser utilizados na escola como lugar do encontro de culturas, nesse diálogo do saber científico com o local. A escola ao trabalhar com diferentes saberes valoriza as lutas históricas e sociais de uma comunidade, reflete sobre acontecimentos que marcam ou marcaram gerações, sendo uma prática social constituída de sentidos.

Nessa perspectiva, Oliveira e Alves (2001) trabalham os diferentes conhecimentos presentes na escola e que atuam nas práticas curriculares cotidianas, entendendo-as como àquelas relacionadas a fazeres e saberes. O entendimento dessas práticas curriculares está sempre associado às possibilidades daqueles que as fazem, mesmo havendo essa tensão entre os elementos regulatórios e as possibilidades de ação. As autoras assumem essa perspectiva da criação curricular cotidiana onde parte do princípio de que o educador é sujeito criador porque o currículo praticado pelo professor em sala de aula envolve criação e comprometimento.

Nesse sentido, o cotidiano não se deixa dominar por normas e regulamentos formais porque as ações cotidianas não são e não podem ser repetidas, tendo em vista a imersão no espaço de saberes e de fazeres. Portanto, o currículo gera subjetividades entre professor e aluno e o fazer pedagógico definirá que currículo deve

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

ser praticado em sala de aula, sendo constitutivos das identidades individuais e coletivas.

É importante considerar no cotidiano da sala de aula, os valores, as formas de transmissão de saberes, fazeres e leituras do mundo vivido dos alunos. De forma geral, o currículo proporciona um projeto de cidadania com valorização dos saberes locais, pois traz a noção de pertencimento das pessoas aos lugares.

Entre as recomendações, deve-se considerar os conhecimentos que os alunos trazem de suas relações familiares e sociais, os conteúdos ligados aos saberes locais e as leituras de um espaço ribeirinho. Isso significa, respeito mútuo, pluralidade de saberes, valorização de múltiplos espaços do conhecimento e das criações permitidas a partir de um currículo comprometido com a realidade amazônica.

4. Saberes locais ligados ao rio e a mata

O rio Madeira, principal rio do estado de Rondônia, desperta fascínio pela paisagem, importância da navegação, formas de trabalho que garantem a subsistência dos ribeirinhos, além das paisagens encontradas, com suas ilhas imaginárias, lugares sagrados, locais assombrados e obstáculos diversos.

Nessa relação vida, rio e sobrevivência, a população ribeirinha construiu um modo de vida integrado pela agricultura de subsistência, extrativismo vegetal, pescaria, vivendo em função dos produtos da floresta, dos rios e das várzeas. Se adaptaram a variabilidade sazonal dos rios para viabilização de suas plantações, mas esse modo de vida sofreu alteração. Os moradores vivem de forma esparsa cujas referências são as terras firmes, várzeas (ou planícies de inundação) e igapós (parte que permanece alagada o ano todo).

As moradias estão próximas aos rios e favorecem vantagens: facilidade de comunicação, ancoradouro para canoas, voadeiras, batelões e barcos recreios. As várzeas do rio Madeira apresentam grande fertilidade e ideal para plantações de macaxeira, melancia, feijão, milho. Das várzeas saem os alimentos da vida, da venda e da manutenção da família. Durante as várzeas aparecem belas e atrativas praias fluviais, as quais atraem moradores e visitantes para os chamados “banhos” em família. É uma das diversões apreciadas por quem vive em comunidade amazônica.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Por sua vez, na mata de terra firme não costuma ser alvo de inundações, recobre a maior parte da floresta com majestosas árvores cuja média alcança 60 metros de altura. O inverno é associado às cheias, período de maior incidência de chuvas, quando as águas sobem e cobre o chão das várzeas, sendo a época das cheias.

As aves, como as arirambas encontradas ao longo da beirada dos rios fazem seus ninhos no inverno e anunciam, com seu canto forte, o período da baixada das águas. Essa escuta faz com que os moradores mais experientes se atentem ao tempo das várzeas, a fase da plantação que garante muito da subsistência de uma família ribeirinha.

Do rio Madeira depende a vida, a fertilidade das várzeas, a inundações, a sobrevivência. O rio participa de toda a construção humana das pessoas, evidenciando os significados coletivos do grupo.

Figura 2: Rio Madeira



Fonte: <https://napra.org.br/home/mapa-aereo-rio-madeira>. Acesso em 22/7/2022

O Madeira tem grande importância no viver ribeirinho, possui uma extensão de 1.700 km, nem sempre apresenta profundidades propícias ao tráfego de embarcações. Marcelo Nunes, comandante de barco, explica como é viajar no rio Madeira: “[...] é uma viagem do qual requer muita atenção, assumir responsabilidade tanto pela minha vida própria [...] ser responsável pelas vidas do que estão ali a bordo [...] e se tratar de rio Madeira é um rio muito perigoso do qual requer muita atenção”.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

O principal rio do estado de Rondônia é tido como um dos rios mais perigosos à navegação na Amazônia, em razão das peculiaridades existentes, tais como troncos de árvores, pedrais (afloramentos rochosos), paliteiros, bancos de areia, mudança de canal e intempéries da natureza). Nesse universo, convive a dimensão do perigo e do olhar de perceber a exuberância da natureza e como diz Fraxe (2004, p. 330) “Os rios e as florestas são a matriz dos principais mitos narrados pelos ribeirinhos”.

No universo da navegação, há muito aprendizado, troca de experiências, histórias alegres e tristes, as quais permitem compreender a dimensão das comunidades ribeirinhas, sobretudo suas particularidades. Trata-se de uma prática dialógica que permite a reflexão sobre o espaço, entender a relação de singularidade com a natureza e com os mitos amazônicos.

Por exemplo, os botos possuem grande representatividade no universo da navegação e para as comunidades ribeirinhas. No rio Madeira existem os botos tucuxi e vermelho. O boto tucuxi é cinza, tem fama de brincalhão, gosta de andar em grupo. É tido como o protetor dos barqueiros e sua importância reside no fato de ajudar o prático na identificação do canal do rio porque costuma nadar em lugares profundos. E isso orienta muito um prático na navegação, principalmente na época da vazante que exige muito o conhecimento das condições do rio.

O boto vermelho é tido como agressivo, é maior do que o tucuxi e movimentase com lentidão. Gosta de perseguir pescador e furar a sua malhadeira para comer os peixes, além de perseguir as mulheres quando estão menstruadas.

Apesar da grande importância desses animais na vivência ribeirinha, percebe-se uma diminuição dos mesmos em razão da pesca que os leva a se emaranharem nas malhadeiras, sendo capturados e mortos para a retirada de seus olhos para fins de feitiçarias. Além disso, com a intensificação da atividade garimpeira está ocorrendo tanto a trituração desses animais quanto a sua migração para os igarapés em busca de alimentos.

Quanto à mata, este termo tem um significado coletivo no qual se alinha a afetividade, o estranhamento, o medo e o imaginário. A mata aproxima, fornece o alimento à sobrevivência, mas a mata tem segredos, tem curupiras, matintas pereras, mapinguaris, entidades sobrenaturais participantes da cultura.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Os pássaros não ficam fora dessa comunicação, no dizer ribeirinho avisam quando alguém vai morrer, está grávida ou anunciam por meio de seus cantos má sorte, chuva, infortúnio. Se ouvem os agouros das rasgas mortalhas, dos acauãs e urutaus...

Na mata, animais que causam medo são queixadas (porcos do mato), andam em bando, saem cortando tudo que acham pela frente, cobras venenosas, sendo o mais perigoso pico de jaca/surucucu), jararaca e coral; onças (sussuarana e pintada).

Essa construção estética presente no espaço corresponde a essa expressão viva do homem, torna-se humanizado à medida que vai sendo vivenciado, estudado e desvendado. Há um dinamismo no espaço da mata, cujo imaginário é sempre realimentado pelos signos sociais.

A mata é o espaço da fartura, abundância, da memória e dos saberes que envolvem hábitos alimentares e a forma de perceber o espaço. Há uma paisagem sonora, marcada pela biofonia que precisa ser melhor estudada. Os sons dos animais acabam sendo uma experiência estética, no sentido de apreciar os sons da natureza, de poder sentir o espaço além da imagem. Que memórias guardamos dos sons? Dos lugares? A biofonia é um recurso que pode ser muito utilizado no ambiente escolar, a partir de conteúdos sonoros e trocas de experiências.

A paisagem sonora é fonte de informação geográfica, os ruídos e barulhos podem expressar um processo de desmatamento ou a atuação de um Curupira, tido como o protetor da mata. Isto é, o som é um gatinho de memórias, lembranças de lugares e pessoas, experiências pelas quais vivenciamos, sendo socializante esse modo de escuta.

O som é acontecimento que faz parte do vivido das pessoas, evidenciando tempo, espaço e medos. O som vai criando sensações, dá profundidade aos que nós vemos. Por exemplo, o medo de ficar encantado é evidenciado no ato de narrar porque trazem sérias consequências, desde o ficar perdido na floresta, ter febre, adoecer e falecer. De acordo com Fraxe (2004, p.295),

[...] A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. Nesse sentido, a relação do caboclo ribeirinho com a água que atravessa seu cotidiano se torna de importância vital para a compreensão desse homem e do universo que o habita.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

O narrar é um ato de registrar a vida, a presença no espaço geográfico, e a cartografia do medo ajuda a representar o espaço vivido das pessoas na ótica da sua subjetividade. É a vida em movimento, a consciência que explica o modo de estar no mundo. Sem dúvida, escrever sobre a Amazônia ribeirinha é um exercício de reflexão, precisa de tempo para conseguir visitar as comunidades, permitir que os moradores sejam ouvidos, sendo um campo de descobertas e crescimento no campo da pesquisa.

Integra-se ao vivido, o registro da memória de todos os sentidos envolvidos nessa descrição e os relatos orais ajudam no externar das emoções, da vivência e subjetividades humanas, sendo destacado um tempo diferenciado pelo qual o habitante percorre pacientemente em sua canoa as inúmeras curvas de rios e seus afluentes observando, conhecendo lugares e interpretando esse espaço vasto de grande biodiversidade. Cabe aqui a sistematização dos saberes representativos no espaço ribeirinho:

Quadro 1: Saberes do rio/matias e representatividade

Rio/mata	Representatividade
Pescaria/ caçada	<ul style="list-style-type: none"> • Saberes e fazeres que passam de geração em geração • Práticas tradicionais • Ensinos e valores transmitidos pelos pais e avós, • Rede de preservação de espécies • Conhecimento dos hábitos alimentares e comportamento dos animais • Conhecimento das árvores, saber o tempo certo para colher um fruto ou retirada de óleos (copaíba, andiroba etc) • Tabus alimentares (alimentos reimosos e não reimosos) • Oralidade, observação e escuta nas práticas cotidianas • Compreensão da vida • Vínculos e relações com a natureza • Memórias coletivas e individuais
Instrumentos de pesca	<ul style="list-style-type: none"> • Instrumento de trabalho da família ribeirinha: Malhadeira, Arpão, Anzol, caniço, tarrafa, rede etc utilizados na pesca tradicional.
Animais	<ul style="list-style-type: none"> • Observação dos animais • Acompanhamento da migração de espécies, os lugares de fartura, diminuição e/ou escassez.
Ensinos de pai para filhos	<ul style="list-style-type: none"> • Pilotagem de embarcações menores (canoa, rabetinha, voadeira, batelão e recreio) • Pescaria (saber identificar as espécies, os hábitos alimentares, a posição das águas etc) • Agricultura (conhecer os tipos de solos, como plantar os alimentos essenciais para subsistência e venda)

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

	<ul style="list-style-type: none"> • Navegação (conhecimento do rio, identificar os obstáculos, praias, temporais etc) • Extrativismo vegetal (saber como fazer uma extração de um leite ou óleo sem ferir muito a árvore, como afinar leite da seringueira para produção do látex etc)
Mitos amazônicos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as entidades sobrenaturais curupira, mapinguari, matinta pereira, pássaros agourentos (rasga mortalha, Acauã e urutau) para melhor estratégia de caminhada e busca por alimentos na mata.
Plantas e frutas	<ul style="list-style-type: none"> • O segredo na escolha das frutas, considerando seu valor nutricional (Tucumã, Pupunha, Patuá, Abacaba, Açaí etc)

Fonte: Organizado pelas autoras, 2022.

Os elementos ligados aos rios e as matas representam tradições, ensinamentos e saberes diversos. Os moradores dessas beiradas de rios têm laços afetivos com os lugares e estreita relação com a natureza. Os ensinamentos de pai para filho, o conhecimento da fauna e flora, oportunizam um conhecimento que deve ser cada vez mais divulgado e valorizado. A mata e os rios têm muitos significados, dentre eles fonte de alimento, de sobrevivência e sustentabilidade da vida no interior da Amazônia. E nesse ambiente ribeirinho surgem os medos, que de certa forma estão presentes no cotidiano e no quadro abaixo exemplificamos alguns dos mais representativos no universo pesquisado:

Quadro 2: Medos no espaço ribeirinho

Medos ligados à natureza	Medos advindos das ações humanas e da falta de atuação permanente de órgãos governamentais
Enchentes e temporais (pancadas d'água) que podem ocasionar acidentes na navegação.	Avanço do desmatamento e de conflitos territoriais ligados a interesses econômicos e políticos diversos
Banheiros fortes, remansos e correntezas	Com o aumento da atividade garimpeira, o rio tem sua dinâmica alterada, o que exige muito mais atenção e cuidados redobrados na navegação
Raios que podem atingir pessoas e árvores	Mudanças climáticas
Fortes ventos, cerrações, neblinas advindas das intempéries da natureza	Queimadas, desbarrancamento das margens do rio advindo da atividade garimpeira.
Calor intenso gera temporais de poeira às margens do rio Madeira	Problemas ambientais que aumentam a cada ano, como a falta de coleta de resíduos sólidos e descartes inadequados, proporcionando a contaminação do solo.
Diminuição das espécies de peixes nobres, o que impacta na alimentação ribeirinha	Represamento da água na época da vazante, o que tem prejudicado a navegação, além do possível rompimento da barragem

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Assoreamento e desbarrancamento das margens do rio Madeira, deixando uma paisagem devastada pela ação humana e fenômeno das “terras caídas”.	Conflitos com órgãos governamentais relacionados às questões ambientais, a exemplo da atividade de pesca e garimpo no rio Madeira.
Época dosaios dos animais tidos como ferozes, a exemplo da onça que passa nessa fase a andar em bando, o que causa medo para quem precisa caçar ou caminhar na mata. Os animais na fase do cio ficam mais ferozes.	Vulnerabilidade em relação a proteção de quelônios na época do surgimento das praias e da ausência de ações voltadas para a educação ambiental junto à população ribeirinha.
Doenças endêmicas e vírus desconhecidos	A dificuldade de acesso à especialistas na área de saúde, como dermatologista, considerando que crianças e adultos apresentam sérios problemas de micoses, coceiras etc.
Perda da casa, geralmente localizada próximo à margem do rio, devido a enchentes, garimpagem de ouro ou passagem de embarcações de grande porte.	Vulnerabilidade da população em relação à moradia em locais de riscos permanentes.

Fonte: Organizado pelas autoras, 2022.

São muitos os medos e desafios nessas áreas ribeirinhas, o medo muitas vezes faz parte da sobrevivência de quem reside próximos a grandes rios na Amazônia. Na atualidade, um dos medos presente é o aumento da atividade garimpeira, que favorece a existência de conflitos, violências diversas, insegurança, dentre outros. Diante do contexto surge o seguinte questionamento: estaria o homem considerando-se superior? Tal questionamento tem como base a reflexão apontada por Tuan (2005, p.16) “A medida que o homem aumenta o seu poder sobre a natureza, diminui o medo que sente dela”. Assim, experimentamos medos diferentes daqueles enfrentados por nossos pais, independentemente de qualquer contexto, trazemos na bagagem cultural histórias e memórias.

8. Conclusão

Para se chegar nesses saberes locais, buscou-se observar e participar desse cotidiano ribeirinho, procurando conhecer as formas de comunicação e o papel das comunidades ribeirinhas na escola local até o regional. Desta forma, os saberes locais

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

possibilitam o entendimento da organização de um espaço ribeirinho, as conexões exercidas entre comunidades, tendo o barco como o articulador dessa vida regional.

É de fundamental importância que essas práticas, advindas das experiências espaciais, possam compor o currículo das escolas ribeirinhas porque oportunizam conhecimento, diálogos, trocas simbólicas e fortalecimento da cultura ribeirinha, de modo que alcance sempre patamares maiores de divulgação e de diálogo com o mundo sobre o repertório de saberes que podem estar ameaçados com tanta transformação nesse espaço geográfico advindo da lógica do Capitalismo com o fim do fortalecimento do agronegócio.

Espera-se que esta pesquisa possa despertar novos estudos e que sirva de alerta para a importância do papel dessas comunidades ribeirinhas que ainda preservam a floresta amazônica e as estratégias de sobrevivência ajudam a perceber o quanto esses saberes devem ser preservados e divulgados para a tomada da consciência junto à sociedade.

Sem dúvida, a valorização da cultura amazônica, com os seus registros orais memoráveis, evidencia o quanto esse conhecimento é valioso e relevante para leitura do espaço ribeirinho na Amazônia.

Para finalizar, entende-se que os saberes locais são conhecimentos que evidenciam a organização do espaço ribeirinho e que podem ser um aporte do currículo em escolas localizadas em áreas ribeirinhas de Porto Velho, sendo pertinente que o poder público busque mais sensibilidade de olhar essa realidade para melhor compreender os sujeitos que residem na Amazônia.

6. Agradecimentos

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento da pesquisa da doutoranda Domingas Luciene Feitosa Sousa na área ribeirinha de Porto Velho/RO.

7. Referências

CLAVAL. Paul. **A geografia cultural**. Tradução Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

SABERES LOCAIS COMO APORTE DO CURRÍCULO EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

CLAVAL, Paul Claval. **Terra dos Homens**: a geografia; tradução Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade . São Paulo: Annablume, 2004.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa; tradução de Vera Joscelyne. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KOZEL, Salete. **Mapas mentais: dialogismo e representações**. Curitiba: Appris, 2018.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda. **A Pesquisa no/do cotidiano**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia**: uma relação humanista com o rio. Porto Velho: Temática, 2014.

SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Mapas mentais e a interface dialógica dos barqueiros e ribeirinhos do rio Madeira**. In: KOZEL, S. Mapas mentais: dialogismo e representações. Curitiba: Appris, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.